

Condomínio Online: O protagonismo das redes sociais no cotidiano entre vizinhos em um condomínio clube no subúrbio do Rio de Janeiro.¹

Caroline Martins de Melo Bottino – PPGA - UFF/RJ

Palavras-Chave: Vizinhança, Condomínio e Mídias digitais.

1. Introdução

Pensar as grandes cidades tem sido uma tarefa empreendida pelas ciências sociais, nas últimas décadas, em especial pela antropologia urbana brasileira, defendida por Gilberto Velho. Para além disso, temas como camadas médias, sociabilidade entre vizinhos e enclaves fortificados, permeiam o cenário que esse trabalho se propõe a desenvolver, como arcabouço teórico para a construção de uma discussão voltada ao protagonismo das mídias sociais no cotidiano dos indivíduos residentes em um condomínio clube, no subúrbio do Rio de Janeiro.

Miller (2016), deixa evidente que não cabe mais a dicotomia virtual *versus* real, sendo as mídias sociais parte integrante da nossa rotina habitual, do nosso universo pessoal e não um espaço em separado, fictício, mas sim constitutivo da nossa forma de sociabilizar com o mundo. Desse modo, um condomínio que se constitui online, onde as relações de vizinhança são mediadas por diferentes plataformas de comunicação é um cenário profícuo para o desenvolvimento de análises múltiplas, que aqui tentaremos abarcar, embora superficialmente, dados os limites textuais impostos, buscando ao máximo elucidar as particularidades do objeto de investigação.

Os “super condomínios”, esses empreendimentos residenciais vultuosos que vêm se proliferando pelos grandes centros urbanos, mas não somente neles, vem sendo investigados em âmbito internacional, como no trabalho de Wynne (1998), mas também nacionalmente, como é o caso dos estudos desenvolvidos por Caldeira (1997) (2000) e Moura (2003). São complexos residenciais que priorizam oferecer amplas áreas de lazer e sociabilidade, podem ser horizontais, quando são compostos por casas e verticais, com edifícios. Além disso, sua principal característica é o tamanho, sempre são construções de grandes proporções, no caso dos condomínios de edifícios, as unidades autônomas tendem a ter uma metragem reduzida em consideração às facilidades externas oferecidas

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

pelo complexo, tendo por objetivo levar os indivíduos a convivência e ao uso dos espaços comuns.

O presente objeto é um exemplo potencialmente paradigmático desse tipo de habitação. Possui quatro blocos de apartamentos, com 13 pavimentos e uma média de 12 unidades autônomas por andar. Todos eles se voltam para uma área de lazer suspensa, onde abaixo fica um grande estacionamento e nela os equipamentos de entretenimento como: piscinas, bar social, parque infantil, pista de caminhada, salão de festas, churrasqueiras, salão de jogos, sauna, espaço de relaxamento entre outros. Cada bloco encontra-se suspenso por pilastras que permitem também áreas de sociabilidade em cada hall, onde ficam dispostas mesas, cadeiras sofás, um parque exclusivo para bebês e mesas de jogos como pebolim e totó.



Figura 1: Planta baixa do condomínio retirada do material de divulgação da construtora em 2010.

A escolha desse condomínio para investigação se deu pela minha relação, como residente desse complexo. Comprado na planta em março de 2010, o condomínio “Quintal Suburbano”², só passou a ser tema de investigação, efetivamente, em 2016, contudo, os dados que serão apresentados e antecedem essa data fazem parte do meu histórico pessoal e por contribuírem muito para a compreensão da dinâmica interna, não podem e não merecem ser descartados. Aciono a premissa de Velho (1989), onde ele diz

² Todos os nomes aqui apresentados são fictícios como forma de preservar não só a identidade dos moradores, mas do condomínio como um todo. Contudo, a autora possui uma autorização que foi concedida pelos condôminos em uma assembleia, registrada em ata lavrada em cartório para realização da pesquisa e utilização dos dados.

que a antropologia teria se voltado a estudar “os outros” e ele propusera estudar “o nós”, para empreender meus esforços no desenvolvimento de uma participação observadora que antecede a minha posição de pesquisadora sobre o tema. A possibilidade de estar inserida nos grupos online desde o princípio é o diferencial desse estudo e que vai apresentar a trajetória de construção de um condomínio online e das relações de vizinhança mediadas pelas plataformas de comunicação muito antes da existência física do condomínio, ainda em obras. A abordagem metodológica aqui empregada prioriza a antropologia digital, fazendo um uso amplo das mídias na construção do processo de investigação.

2. Do *Yahoo!* ao Whatsapp: A trajetória de uma vizinhança online.

A construtora lançou o condomínio para vendas em 2010 e somente em 2014 o entregou aos compradores. Em 9 de outubro de 2010, Klaudia Flores, criou o primeiro grupo na plataforma de e-mail do *Yahoo!*. Devido ao formato da plataforma escolhida o grupo funcionava como uma espécie de fórum e podia ser encontrado nas ferramentas de busca online, bastando digitar o nome do condomínio. Quando adquiriu, Klaudia conversou com algumas pessoas nesse dia e pegou seus contatos, assim, surgiu a ideia de construir esse grupo de mensagens para trocas, enquanto aguardavam que o empreendimento ficasse pronto. Ele contava com um fluxo de 22 a 100 mensagens de e-mails por mês, para uma lista de transmissão com 108 membros. Os assuntos tratados nele alternavam entre fotografias do terreno e acompanhamento dos estágios da obra, até dúvidas sobre questões burocráticas, como pagamento de impostos referentes ao processo de aquisição e documentações pendentes que estavam atrasando o andamento da construção.



Figura 2: Exemplo do tipo de imagens compartilhadas no grupo do *Yahoo!* em 2011.

Assim, vemos que esse primeiro grupo foi o pontapé inicial no processo de construção das relações de vizinhança, permitindo a formação do que (Elias & Scotson 2000 [1897]) chamaram de “o grupo dos estabelecidos”. Em seu estudo, em Winston Parva, os primeiros residentes desfrutaram de um certo prestígio, ou melhor, o reivindicaram a todo momento, assim também se deu a dinâmica das relações no “Quintal Suburbano”, os membros do grupo no *Yahoo!* construíram uma espécie de coletivo, com lideranças e uma organização bem definida entre os protagonistas, aqueles que desejavam tomar a frente em pautas e pleitos do grupo e os apoiadores, que davam suporte e incentivavam os que tomavam à frente das situações, como por exemplo, reivindicar junto a construtora explicações sobre o atraso nas obras e etc.

Foi por meio do grupo de e-mails que a primeira confraternização entre os futuros vizinhos foi marcada, em uma famosa pizzaria do bairro, contando com a participação de aproximadamente 10 famílias. O evento foi fotografado e compartilhado por meio de um álbum, que ficou disponível na página do grupo. Infelizmente o *Yahoo!* descontinuou a plataforma e antes disso pude salvar alguns arquivos e imagens, mas hoje o grupo não está mais disponível para acesso, apenas o meu acervo pessoal que contém o registro das trocas de e-mail. Outra plataforma menos utilizada, foi um blog sobre o condomínio, criado também pela Klaudia Flores, com poucas postagens e interação. Essa ferramenta não foi amplamente divulgada e não teve muita aderência, mas ainda é possível encontrá-la para consulta, pois continua ativa, porém sem nenhuma movimentação nos últimos 3 anos.

Em 16 de abril de 2011, foi criado o primeiro grupo na plataforma Facebook, por Klaudia Flores e Dodô Taveira, chamado “Quintal Suburbano”, que chegou a marca dos 466 membros, depois da entrega das chaves, por parte da construtora. Devido à grande aderência das pessoas a plataforma em si, por motivos outros, a dinâmica da mesma, compartilhamento de fotos, comentários e uma interação muito mais intensa do que o envio de e-mails, o grupo no Facebook ganhou destaque e se tornou o principal espaço de comunicação levando a plataforma do *Yahoo!* ao desuso. Com uma interface que privilegia imagens e vídeos, esse grupo se tornou o próprio condomínio online, para os seus membros. Nele eram compartilhadas dúvidas, expectativas, notícias, mas também, depois da inauguração e da mudança dos primeiros condôminos, se transformou em lugar de controle, regulação, denúncias, fiscalização, aos moldes do que propõe (Foucault, 2019

[1975]), e também de fofocas, conflito e intrigas, como observados por (Elias & Scotson 2000 [1897]).

Dados os inúmeros episódios conflituosos nas postagens do Facebook, com ofensas e xingamentos, Dodô e Klaudia se sentiram desconfortáveis em seguir mediando o grupo e resolveram desativá-lo, mas voltaram atrás e anunciaram que deixariam o grupo ativo porém sem interação, apenas em respeito aos arquivos, imagens e dados ali postados que poderiam ser relevantes aos condôminos futuramente. Desse modo os interessados em manterem relações por meio do Facebook deveriam se mobilizar para criarem outro grupo, pois esse estaria ativo apenas como um arquivo. E assim foi feito, em 11 de agosto de 2015, Sandro Palomino, mais conhecido pelo apelido de Palox, criou o grupo “Quintal Suburbano (Moradores)”, que assumiu a centralidade como canal de comunicação. Ele estabeleceu um código de conduta e normas que deveriam ser respeitadas para um bom funcionamento desse espaço, levando quem desrespeitasse a punições e até mesmo ao banimento do grupo, como podemos observar no trecho abaixo:

“1.1 - O membro que cometer uma primeira infração será notificado através de mensagem privada (in box); 1.2 - Na reincidência, já tendo sido advertido anteriormente, o integrante será excluído do grupo por tempo indeterminado; 1.5 - São consideradas infrações: >> Posts e mensagens não relacionadas ao condomínio e aos interesses da coletividade; >> Posts e mensagens utilizadas para acusações, ironias, deboches e grosserias que de alguma forma atinjam outra(s) pessoa(s) visando desmoralizar suas ideias demonstrando falta de cordialidade em qualquer nível;” (Texto extraído do grupo em 01 de setembro de 2020)

Em 13 de janeiro de 2016, Maura, descontente com a forma como o grupo era administrado e por inúmeras divergências pessoais com Palox e outros membros, que constantemente debochavam de suas indagações e posicionamentos a respeito da administração do condomínio, dentre outras questões, criou o seu próprio grupo, chamado “Quintal Suburbano Clube”, contando com 338 membros. Ambos funcionavam simultaneamente, a princípio todos do grupo de Maura também estavam no grupo de Palomino, porém o inverso não acontecia, já que devido a essa rivalidade entre os administradores dos grupos e conseqüentemente, entre seus aliados, alguns acabavam sendo banidos do grupo de Maura e/ou não manifestaram interesse em participar.

O primeiro grupo no Whatsapp surgiu 31 de maio de 2016, sobre o nome “Associação dos Moradores”, tendo por objetivo construir uma espécie de coletivo que estava descontente com a administração do condomínio, para debaterem os assuntos

relacionados as finanças e gestão. O criador do grupo, Alex, se desentendeu com alguns membros, Aragão e Palox, fazendo com que logo no início ele saísse do grupo, deixando assim a sua administração nas mãos dos acima citados. A questão é que Aragão, nesse momento fazia parte do conselho fiscal³ e Palox havia sido membro do conselho anterior, ambos, envolvidos diretamente com a administração do condomínio desde a sua implantação e membros/administradores de todos os grupos, desde o primeiro. Suas influências ficavam evidentes por meio das mensagens dos seus apoiadores, em qualquer debate que houvesse, fazendo com que muitos desistissem de se envolver no “cenário político interno” e muitas das vezes de fazer parte dos grupos onde eles estavam.

Posto isto, em 12 de novembro de 2017, Maura criou seu próprio grupo de Whatsapp, chamado “Por um Quintal melhor”, após se desentender com os administradores do outro grupo. Os grupos passaram a existir simultaneamente, repetindo, muitas das vezes, os mesmos debates. Entretanto, o grupo moderado por Maura tinha um caráter mais restrito, voltado apenas a questões referentes ao condomínio, com uma moderação rígida, onde ela se guardava o direito de advertir e/ou expulsar os membros por mensagens e condutas que classificasse inapropriada. Já o grupo “Associação dos Moradores”, depois da mudança de administradores passou a ser um espaço mais genérico, permitindo discussões sobre assuntos do cotidiano e política em âmbito nacional.

Novamente a dinâmica da plataforma do Whatsapp, mais voltada para mensagens e uma comunicação rápida entre os membros despertou uma forte aderência trazendo os principais debates para esses espaços e deixando o Facebook mais direcionado a divulgação de produtos e serviços, para a dinâmica do comércio interno, anúncios dos mais variados tipos e eventualmente algumas postagens sobre as questões internas como reclamações, sugestões e enquetes. Mas também foram criados outros grupos no Whatsapp para comércio e vendas, grupos restritos por interesses específicos, como partidas de voley e torcidas organizadas de times de futebol, além dos grupos por afinidades e amizades.

Durante o período do isolamento social, devido a pandemia global da covid-19, que teve início em março de 2020 e se estendeu até o mês de junho, surgiu um grupo

³ O conselho fiscal consiste em um grupo de moradores, eleitos em assembleia, como representante dos condôminos, para acompanharem a sindicância e a administração das contas do condomínio por parte da empresa responsável.

específico no Whatsapp para tratar da realização de eventos e organização do momento de orações na varanda. A proposta era que por meio da pressão popular dos membros desse grupo, através de protestos, como um panelaço de um dia inteiro que ocorreu, a cada hora cheia do relógio, a administração liberasse a realização de lives/show na área de lazer aos finais de semana. O evento batizado como música nas varandas acabou acontecendo e o grupo que foi criado continua existindo, sendo administrado por um número muito maior de pessoas, do que os outros grupos existentes, contando com mais de 15 membros responsáveis pela moderação. Após essa mobilização para a realização desse evento, foi criado também um perfil no Instagram, inicialmente para divulgar a live/show e os patrocinadores, além de um canal no Youtube para a transmissão do mesmo, já que nem todos os apartamentos são voltados para área de lazer, o que impedia de alguns assistirem, devido ao isolamento social e as restrições de circulação.

3. Um condomínio online e uma vizinhança ativa: Desvios, divergências, conflitos, comércio e política.

O conceito de polimídia, elaborado por (Miller,2016), que consiste em compreender a multiplicidade das plataformas digitais sob uma perspectiva relacional, considerando o seu uso concomitante por parte dos indivíduos para mapear os diferentes tipos de sociabilidade e a variedade das plataformas de mídias sociais, vai sendo elucidado, no presente trabalho, através dos exemplos empíricos advindos do acompanhamento das plataformas digitais relacionadas ao condomínio. Aqui, vemos como apesar de algumas ferramentas serem substituídas por outras, ao longo do tempo, a coexistência entre elas mostra como os indivíduos estão o tempo todo transitando por esses espaços de sociabilidade online no seu cotidiano.

A forma como as pessoas optam por uma determinada plataforma para tratar de um assunto específico, como perguntar sobre a ausência de sinal de internet no Whatsapp, para obter uma resposta mais breve e em outro momento elaborar uma postagem para o Facebook com imagens e vídeos denunciando uma conduta que entende como reprovável, demonstra o que (Miller,2016) aponta como sociabilidade escalonável, do mais privado ao mais público, de um tipo de grupo com membros específicos para outro, acontece no momento em que os indivíduos elencam os meios de comunicação mais adequados a cada tipo de interação que desejam realizar e de acordo com o público que desejam atingir. Se por algum tempo se pensava a internet disponível na tela de um celular como um processo de individualização e a possível “morte do social”, o condomínio clube em questão mostra

como essas ferramentas são capazes de espantar para longe o caráter blasé que preocupava (Simmel, 2005 [1903]), em sua reflexão sobre os estímulos demasiados da metrópole sobre o indivíduo.

Para além das discussões sobre as relações entre os indivíduos e as mídias sociais e os inúmeros estudos que fazem o caminho inverso de (Miller, 2016), partindo das plataformas para às pessoas, muitas vezes construindo análises isoladas de cada uma delas, o objeto de pesquisa, que figura esse ensaio, permite múltiplas análises no âmbito da antropologia digital em paralelo com outras áreas clássicas como antropologia urbana, da religião, do consumo e da política. Os condomínios clube, em sua grande maioria, possuem grupos online, mas aqui eles são protagonistas, são ferramenta e espaço, são uma coisa só e são separados. Mesmo aqueles que não estão em nenhuma rede, são impactados por elas, pelas discussões engendradas nessas plataformas, pelos coletivos formados em prol de pleitos, de modo que se recusar a fazer parte de algum grupo online é abster-se da dinâmica interna, da produção de vizinhança nesse espaço mediado pelas redes sociais.

Os primeiros usos dos grupos foram para assuntos referente ao período de obras, documentações, atraso na entrega por parte da construtora e discussão sobre problemas como uma possível contaminação do solo, já que o terreno onde foi construído pertencia a uma antiga fábrica de vidros. No *Yahoo!* o clima era de expectativa, mais voltado a união de esforços, compartilhamento de orçamentos de móveis planejados, dúvidas sobre o processo de pagamento das parcelas intermediárias à construtora e formas de financiamento bancário para o momento de entrega das chaves. Já no Facebook a circulação de imagens ganhou destaque e tão logo começaram a ocupar seus imóveis, vieram também os primeiros conflitos.

Um episódio emblemático, que deve ser analisado tomando por base a obra de (Becker, 2009 [1991]), foi quando um dos futuros moradores subornou o vigia da obra para poder visitar seu apartamento, ainda no período da construção. Ele não só conseguiu acessar o local, como fotografou e fez medições da sua unidade, depois compartilhou com todos no Facebook em uma postagem com interação recorde. Isso fez com que outros tentassem a mesma coisa, o que levou à demissão do funcionário por parte da construtora. Se tal ato, de oferecer dinheiro em troca de acesso a um local restrito, de uma facilidade, é considerado pela sociedade, um desvio, para o grupo em questão, fora um ato generoso,

compartilhar com todos detalhes dos apartamentos ainda no esboço, gerando grande comoção.

Por outro lado, quando um condômino resolveu transferir o tanque para a área da varanda do seu apartamento, desrespeitando a convenção do condomínio que impede qualquer alteração da fachada dos prédios e isso inclui o espaço interno das varandas, o debate foi muito mais acalorado e em tons acusatórios. O post com a foto desse ato foi duramente repudiado, originando em uma cobrança massiva para que o morador fosse punido e que a obra fosse desfeita o quanto antes. Isso mostra, como afirmou (Becker, 2009 [1991]), que o desvio é relativo, é situacional, depende do grupo, de uma classificação, das regras vigentes e aceitas pelas pessoas que vão julgar o comportamento como desviante ou agregador.

O primeiro grupo no Facebook figurou durante muito tempo como a principal ferramenta de vigilância interna e também como vitrine, pois era comum que as pessoas postassem fotos das decorações das suas casas, para indicarem serviços, como rebaixamento do teto em gesso, móveis planejados e pintura. Essa exposição da casa interessava muito, eram publicações que reuniam muitas interações, na maioria das vezes apenas elogios. Outro ponto a ser destacado é o comércio interno, que teve início com a divulgação de serviços externos, recomendação de empresas e seguiu para a divulgação dos empresários residentes até os primeiros anúncios de produtos. Com o tempo foram surgindo empreendedores locais, em sua maioria de comida, depois de vestuário, seguidos dos de beleza e estética. Existem casos de indivíduos onde a maior parte da sua renda é oriunda das vendas internas.

Já o WhatsApp, surgiu como espaço de protesto, por meio de um movimento de “cunho político”, se assim podemos classificar, para construir um coletivo de moradores em busca de mudanças na gestão do condomínio. Esse caráter mais sério do espaço logo foi sendo dissolvido e o grupo foi se transformando em uma grande mistura entre mensagens de bom dia, compartilhamento de orações, discussões sobre política e assuntos diversos, além das encarnações entre torcedores rivais de times de futebol. Ainda que existam grupos diferentes, com teores distintos, como anteriormente elucidado, a dinâmica do WhatsApp deve ser considerada pela ferramenta adicional, o envio de mensagens de áudio. Um caso interessante ocorreu quando uma pessoa resolveu reclamar no grupo do WhatsApp sobre uma mulher que estaria fazendo escândalo com o marido no bar da piscina. A mulher em questão estava no grupo, viu o relato e respondeu a pessoa

em vários áudios, com xingamentos e desaforos na mesma hora, tudo isso enquanto o fato ainda acontecia, na área comum, gerando um grande desconforto no grupo e fazendo com que a reclamante saísse do mesmo.

A dinâmica do Whatsapp fez com que os grupos do condomínio nessa plataforma assumissem a centralidade entre as mídias do condomínio, deixando o Facebook como um espaço mais voltado a vendas, anúncios de serviços e/ou produtos e poucas discussões sobre questões internas. Denúncias e reclamações também migraram para o Whatsapp, muitas vezes não chegam nem a serem replicadas no Facebook, outras vezes passam a ser discutidas em todas as plataformas, ao mesmo tempo, como o episódio do motociclista que acessou a área de lazer para fazer uma entrega, com autorização do morador, sendo a prática proibida pela convenção. O morador envolvido, que recebeu a entrega, entrou na discussão, na postagem que foi feita no Facebook e debateu arduamente com os presentes, recebendo apoio de alguns, mas críticas duras de outros.



Figura 3: Uma das imagens compartilhadas nos grupos, sem identificação de autoria, para denunciar o ocorrido.

A política interna também é um ponto de destaque, fazendo com que as articulações entre grupos interessados em participar da dinâmica da gestão do condomínio aconteçam de forma mais fluida, utilizando as plataformas para conseguirem adeptos, realizarem campanhas sobre seus feitos, durante a gestão vigente, mas também para atacar os oponentes, criticar e apontar os erros da administração atual, levantar suspeitas sobre possíveis desvios financeiros, favorecimento em contratos e de grupos de moradores. As assembleias costumam ser debatidas em tempo real, quase que transmitidas, através dos

grupos do Whatsapp, bem como as pautas que vão ser discutidas circulam nos grupos dias antes da reunião. Documentos, extratos bancários, avisos, tudo relacionado ao administrativo, acaba sendo compartilhado nos grupos, levando a debates prévios que se estendem pela assembleia presencial. Ainda cabe ressaltar que muitas vezes as pessoas que estão nos grupos, que discutem esses assuntos, sequer chegam a participar da reunião fisicamente, no dia e horário marcado. É comum, que depois, muitos perguntem nos grupos os resultados das votações, o que foi decidido e até comecem intensos debates e reclamações a respeito dos temas, mesmo tendo se absterido de participar e votar no dia.

Os grupos são, para o presente objeto, parte do espaço de sociabilidade, extensão da área de lazer, canal de informação sobre o condomínio, o bairro e a região, rede de apoio, ferramenta de vigilância e espaço de desabafo, repreensão, debate e disputa. Os grupos conferem poder e status aos seus administradores, que fazem uso disso na construção de coletivos, de grupos, que de alguma forma se articulam para implementarem medidas do seu interesse, seja a permissão para festas e/ou atividades internas do seu interesse, seja para conseguir apoio na eleição de membros do conselho e síndico.

4. Considerações finais

A vizinhança mediada pelas plataformas digitais de comunicação gera uma intensificação das interações sociais muito grande, fazendo com que os indivíduos estejam no condomínio, envolvidos em suas questões, mesmo quando não estão nele fisicamente, ou seja, carregam consigo, através dos grupos, a possibilidade de interagir com seus vizinhos em tempo integral. Entre vigilância, comunicação, informação e comércio, os grupos online transformaram o espaço residencial, construindo coletivos e engendrando novas formas de vivenciar a relação entre vizinhos.

O presente objeto é extremamente dependente dessa mediação, em uma pesquisa aplicada em junho de 2020, por meio de um questionário digital, veiculado em todas as mídias que são monitoradas para esse trabalho, 62% dos que responderam afirmaram que os grupos são importantes, 16% que são muito importantes e 6% que são extremamente importantes. Com isso, vê-se que a maioria dos residentes considera essas ferramentas essenciais para o condomínio e para as suas relações de sociabilidade, mas, mesmo assim, possuem suas ressalvas e críticas, quanto ao funcionamento, a administração, ao uso que

alguns fazem e as consequências. Podemos ver isso em algumas respostas a pergunta aberta, sobre as impressões a respeito dos grupos:

“Só participo do grupo do Facebook. Acho praticamente inútil para resolver problemas relacionados a barulho e interrupção da paz, já que as panelinhas só pensam em seu bel prazer. Caso comentem sobre grupos fazendo churrasco nas áreas de lazer, o problema é quem reclama porque é "chato" e "se incomoda com a felicidade alheia". O ambiente informal torna esse tipo de resolução de problemas impossível; vira só um local de fofoca. Até mesmo questões mais urgentes como o filho bebê doente de alguém passando mal em meio à live de som alto é recebido com um "não é problema nosso". Só servem mesmo para compra e venda, indicações de serviços e afins, as coisas mais impessoais possíveis.” (Resposta de um morador ao questionário aplicado em junho de 2020)

“Peguei nojo de alguns vizinhos. Quase me mudei depois que um vizinho passou a postar fotografias de varandas que ele julgava estar fora de seu conceito de aceitabilidade. Só me mantenho ainda nos grupos por julgar necessário estar informado. Odeio as discussões políticas que ocorrerem. Detesto o povo que vive vomitando regras para as mínimas coisas. Acredito no bom senso. Enfim, faço força todos os dias para me manter ainda nessas redes sociais do condomínio” (Resposta de um morador ao questionário aplicado em junho de 2020)

Essas falas evidenciam que estar nos grupos do condomínio, para muitos, é parte de uma obrigação, para ser integrante do espaço como um todo, saber o que ocorre, mesmo não querendo participar, mesmo discordando. Essas plataformas são reconhecidamente um canal de extrema importância para todos e abster-se delas, parece, gerar um isolamento, como consequência, uma exclusão do “*corpus condomínio*”. O protagonismo das redes no presente objeto é tão intenso que deixa claro a impossibilidade de separação entre virtual e real, o condomínio é composto e se constitui por e pelas plataformas digitais, que muito embora não sejam capazes de abarcar todos os residentes, estão o tempo todo influenciando ativamente a dinâmica interna das relações de vizinhança.

Em meio a pandemia global da covid-19, novas plataformas foram adicionadas ao portfólio do condomínio, como o Instagram e o Youtube, outros grupos foram criados, mas poucas foram as mudanças, em si, tendo em vista que a sociabilidade online já era uma marca do presente objeto. Obviamente que o fluxo de mensagens aumentou muito e que os grupos serviram para organizarem campanhas de doações de alimentos, venda de álcool em gel e máscaras no período inicial do isolamento social, nos meses de março a

maio, realização de momentos de oração nas varandas⁴ e etc., mas quando perguntados sobre mudanças significativas na interação nos grupos devido a pandemia, mais de 60% dos residentes responderam que não houve, que continuavam com a mesma rotina de sempre.

Durante muito tempo as ciências sociais se preocuparam com a morte do social, com a individualização, com o caráter blasé, a relação de reserva, o distanciamento entre os indivíduos das grandes cidades. O presente objeto apresenta uma nova perspectiva para investigação, a sociabilidade acentuada no cotidiano citadino por meio das mídias digitais e como isso está modificando a dinâmica das relações de vizinhança. Tornou-se possível levar consigo a sua casa e todas as questões relacionadas a ela para onde você for, pelos grupos online, através de aparelhos eletrônicos portáteis com acesso à internet. Um vizinho em viagem, por exemplo, pode seguir acompanhado os grupos, comentando, emitindo opiniões nos debates, sem precisar estar em sua casa para isso.

Habitar, não exige de fato uma interação intensa com os que nos rodeiam, mas fazer a opção de integrar-se, constituir um coletivo por meio de plataformas digitais, coloca esse objeto e outros do mesmo modelo, com características semelhantes, em evidência quanto a uma necessidade de pertencimento, que até então parecia não fazer mais sentido nas grandes metrópoles. Seria mesmo um desejo de retorno à aldeia, como questiona Moura (2003), atrelado a um cotidiano altamente mediado por essas plataformas? O que engendra essa necessidade de vizinhança online?

Ciente de que ainda existem muitas questões a serem respondidas, que esta investigação não consegue tratar, devido ao limite que o trabalho impõe, por hora, me atenho apenas a introduzir o tema, elucidar a trajetória e as principais interações que acontecem nesses grupos, evidenciando o protagonismo das redes e retratando o processo de constituição do condomínio/vizinhança online. Por fim, é importante salientar que o presente trabalho faz parte do projeto de pesquisa para a minha tese de doutorado em antropologia pela Universidade Federal Fluminense que pretende abarcar a sociabilidade dentro do condomínio clube de forma mais ampla, tendo as mídias digitais como principal meio de investigação, mas não somente, tamanha é a importância dessas ferramentas para o presente objeto.

⁴ Bottino, C. M. de M., Scheliga, E. L., & Menezes, R. de C. (2020). Experimentos etnográficos em redes e varandas: a religião em tempos de pandemia. *Cadernos De Campo (São Paulo 1991)*, 29(supl), 289-301.

5. Bibliografia

BECKER, Howard. *Outsiders: estudos da sociologia do desvio.* Rio de Janeiro: Zahar, 2009 [1991].

CALDEIRA, Teresa. *Cidade de Muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo.* São Paulo: EDIUSP, 2000.

CALDEIRA, Teresa. “Enclaves fortificados: A nova segregação urbana.” *Novos Estudos*, nº 47 (1997): 155-176.

ELIAS, Norbert, e John SCOTSON. *Os estabelecidos e os outsiders.* Rio de Janeiro: Zahar, 2000 [1965].

FOUCAULT, Michel. “Vigiar e punir: nascimento da prisão.” Petrópolis: Editora Vozes, 2019 [1975].

MILLER, Daniel. *How the world changed social media.* London: UCL Press, 2016.

MILLER, Daniel. “Social Networking Sites.” In: *Digital Anthropology*, por Horst HEATHER A. e Daniel MILLER, 146-164. London: Bloomsbury Academic, 2013 [2012].

MOURA, Cristina Patriota. “Vivendo entre muros: o sonho da aldeia.” Em *Pesquisas Urbanas. Desafios do trabalho antropológico*, por Gilberto VELHO e Karina KUSCHNIR, 43-54. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SIMMEL, Georg. “As Grandes Cidades e a Vida do Espírito.” *MANA*, 2005 [1903].

VELHO, Gilberto. *A utopia urbana: Um estudo de antropologia social.* 5°. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1989 [1973].

WYNNE, Derek. *Leisure, Lifestyle and the New Middle Class.* London: Routledge, 1998.